

A PRESENÇA DE NIETHAMMER NOS ANOS IENENSES DE FICHTE

Wagner de Ávila Quevedo¹

RESUMO: Neste texto, gostaria de reunir alguns elementos para situar a contribuição de Friedrich Immanuel Niethammer (1766-1848) à formação de uma recepção crítica de Fichte no final de 1794, bem como apresentar brevemente os objetivos e a importância de seu trabalho na edição do principal órgão de divulgação da filosofia do pós-kantismo: o *Philosophisches Journal* (1795-1798). No que diz respeito à pertinência desta comunicação ao fórum a que se dirige (III Encontro de Pós-Graduação em Filosofia da UFMG), creio que se apresenta como um pequeno capítulo da história das divergências no interior do programa que levaria à formulação clássica do Idealismo Alemão, entendido em sua primeira fase como fundamentação da subjetividade a partir do problema da identidade, o que se encaixa no eixo temático proposto pelo evento sobre os conceitos de identidade e diferença.

Palavras-chave: Niethammer – Fichte – idealismo – criticismo.

ABSTRACT: In this article, I would like both to highlight the meaning of Friedrich Immanuel Niethammer (1766-1848) within the frame of general criticism offered to Fichte's philosophy towards the end of 1794, and to present his objectives as well as the importance of his work as editor of *Philosophisches Journal* (1795-1798), the main journal for the debates of post-Kantian philosophy. As for the pertinence of this paper to the forum it addresses (Third Student's Meeting of the Graduate Program in Philosophy at UFMG), I believe it contributes to one of the guidelines of the meeting with a short chapter about the theoretical divergences at the beginnings of German Idealism. Understood in its first stages as groundwork of human subjectivity based on identity, this philosophy fits in the topic identity and difference.

Keywords: Niethammer – Fichte – Idealism – Criticism.

1. Niethammer em contexto

A importância de Friedrich Immanuel Niethammer foi inicialmente posta em relevo nas investigações em que Dieter Henrich procura compreender, entre outras coisas, como foi possível a Friedrich Hölderlin ter se tornado um crítico perspicaz de Fichte em Iena, na virada de 1794 para 1795. Entre alunos de K. L. Reinhold, como J.

¹ Doutorado em Filosofia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com período sanduíche em Humboldt-Universität Zu Berlin. Bolsista da: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.

B. Erhard e o próprio Niethammer, acusava-se de *transcendentismo* o programa fichteano de fundamentação da subjetividade a partir do conceito de eu, pois subentendiam que nele almejava-se um fundamento além dos limites da consciência empírica. Exatamente a mesma impressão é compartilhada por Hölderlin com Hegel, numa carta de janeiro de 1795, quando recomenda ao amigo a leitura da *Fundação de toda a doutrina da ciência* (1794) e das lições impressas sobre a *Destinação do Erudito* (1794): “[Fichte] gostaria de ir além do fato da consciência na teoria, o que é tão evidente e mais ainda transcendente do que quando os metafísicos anteriores quiseram ir além da existência do mundo”.² Tomando como horizonte a declaração de Kant, em 1799, acerca da *Doutrina da Ciência* de Fichte, quando o velho filósofo é provocado a se distanciar do papel que o jovem professor lhe atribuiu como fundador do espírito da doutrina da ciência,³ as reservas quanto à ideia fichteano de que a filosofia kantiana deveria ser desenvolvida na direção do idealismo já formam uma demanda clara em Iena cinco anos antes, quando Fichte apresenta seu programa pela primeira vez. Podemos ver em Niethammer um catalisador dessas reservas: como professor habilitado em Iena, ele planeja publicar, em 1794, uma revista com o objetivo de aproximar do entendimento comum as altas exigências da filosofia que se propagavam com o pós-kantismo. É assim que edita, de 1795 a 1798, o *Philosophisches Journal*, contando com a colaboração de Fichte a partir de 1797. Anunciadas já no primeiro volume de 1795, são várias as contribuições no campo da filosofia prática para dar conta da missão de, por um lado, continuar os esforços de acabamento da filosofia como ciência e, por outro, estabelecer relação entre filosofia e entendimento ou senso comum (*gemeiner Verstand*).⁴ Diante do propósito explícito também de tratar do aspecto sistemático da filosofia, Niethammer não deve contar meramente entre os kantianos que suspeitavam sem razão de uma recaída dogmática do Fichte da *Doutrina da Ciência* de 1794.

Niethammer convida Hölderlin para contribuir com a revista,⁵ o que certamente também permite ao poeta suábio tomar conhecimento dos propósitos da publicação bem antes da primeira edição.⁶ Hölderlin não envia as prometidas e jamais escritas *Cartas filosóficas*, mas redige três fragmentos na virada de 1794 para 1795, que

² Cf. StA VI 155. As obras de Hölderlin serão citadas de acordo com o padrão da *Große Stuttgarter Ausgabe* (StA), volume e página.

³ Cf. KANT. *Declaração acerca da Doutrina da Ciência de Fichte*, pp. 245-246.

⁴ Cf. NIETHAMMER. *Von den Ansprüchen des gemeinen Verstandes an die Philosophie*, 1969, pp. 3-45.

⁵ Cf. *Cartas de Hölderlin* ao irmão, abril de 1795 (StA VI 164), também ao irmão de fev. 1796 (StA VI 201); e a Niethammer, de fev. 1796 (StA VI 202).

⁶ Cf. FRANK. *Unendliche Annäherung*, p. 720.

em parte refletem os objetivos da revista: *Hermócrates a Céfalo*, *Sobre o conceito de punição* e *Sobre a lei da liberdade*. Sobretudo *Hermócrates a Céfalo* pode ser lido como uma primeira tentativa de colocar na forma de cartas sua contribuição a Niethammer. Hölderlin expressa o que também comunica aos interlocutores de suas cartas, quando declara estar bastante próximo da filosofia fichteana da ação e da liberdade ao mesmo tempo que redige o conhecido fragmento *Juízo e Ser* (abril de 1795): o ideal do saber e do agir talvez já tivesse se tornado efetivo, caso se quisesse vê-lo em um sistema qualquer em um tempo determinado. Mas só se realizaria para o ser humano em um progresso infinito, em um tempo ilimitado “para se aproximar do ideal sem limites” (StA IV 213).⁷ Hölderlin ainda acusa de quietismo científico a opinião de que a ciência poderia ser completada em um tempo determinado. Ele reproduz uma das críticas de Niethammer ao que este chamou de retorno ao velho dogmatismo via “transcendentismo” e “hipercriticismo”. Se o primeiro estigma talvez replicasse uma acusação injusta a Fichte com seu suposto “ir além da consciência”, o segundo vício reflete em conjunto os esforços de toda uma geração contemporânea de Fichte. Na introdução ao primeiro volume da revista, Niethammer acolhe as exigências céticas quanto ao que a filosofia pretende oferecer como fundamento, mas não vê o problema da filosofia apenas na linha que se arrasta de Reinhold a Fichte, ou seja, na da fundamentação em um princípio universal:

Torna-se ainda mais evidente no modo de proceder dos próprios defensores [da filosofia crítica] que, em vez de partir para a aplicação dos resultados dessa filosofia em outras ciências, trazendo-os para mais perto do uso da vida comum, eles estejam bem mais ocupados em fornecer o fundamento dessa filosofia e, pelo zelo com que trabalham no acabamento da mesma, transpareçam claramente a dúvida em relação a sua firmeza.⁸

O hipercriticismo proviria da exigência reinholdiana de que a filosofia devesse se completar como ciência. Mas Niethammer vê na filosofia também uma outra tarefa, que é propriamente o espírito do *Philosophisches Journal*: “ao esclarecer conceitos e princípios sobre a finalidade do saber e do agir, espera-se da filosofia que forneça à humanidade a direção determinada e imutável para seu objetivo, de modo que

⁷ O postulado de uma reconstrução da unidade em aproximação infinita não está explícito em *Juízo e Ser*, mas se encontra também, mais tarde, claramente expresso na correspondência. Cf. *Carta a Schiller*, de 04 de setembro de 1795, StA VI, 181.

⁸ Cf. NIETHAMMER. *Vorbericht*, sem paginação.

ela não precise mais se manter apenas sob a tutela do sentimento”.⁹

2. O *Philosophisches Journal*

Mas de onde vinham as suspeitas de Niethammer? Façamos um breve retrospecto de sua trajetória: primo em quarto grau de Hölderlin e quatro anos mais velho, Niethammer ingressa no Instituto de Tübingen em 1784 e finaliza os estudos universitários, em 1789, com os exames de teologia.¹⁰ Em Tübingen, ele foi também repetidor, tendo lecionado teologia para seminaristas como Hölderlin e Hegel (Schelling ingressa somente em 1790). Na Páscoa de 1790, vai para Iena com uma bolsa de estudos e trabalha até o final de 1791 como preceptor e tradutor junto ao editor K.W. Ettinger, de Gotha. Em Iena, segue em novas traduções a pedido de Schiller e, depois de defender a tese *De vero revelationis fundamento* (1792), que discutia a *Crítica de toda revelação* de Fichte¹¹, chega ao posto de professor extraordinário em fins de 1793 e assume o de professor regular de filosofia na Universidade de Iena, em 1795, tornando-se colega de Fichte. De 1797 a 1804, com nova tese, atua como professor de teologia na mesma universidade, tendo em seguida migrado para Würzburg, depois Bamberg (1806) e, finalmente, Munique (1808), ocupando posições de destaque em conselhos educacionais vinculados ao protestantismo.¹²

Quando parte de Tübingen para Iena, em crise com a teologia, Niethammer se volta especialmente para a filosofia kantiana, e assiste às aulas de Reinhold na esperança de poder “se dedicar ao estudo dessa filosofia sob orientação de um homem que a teria penetrado em seus segredos”.¹³ Dentro do Instituto, a motivação para estudar seriamente Kant teria vindo de C. Diez, que se aproximava da filosofia kantiana em divergência com os propósitos do teólogo e professor G. Ch. Storr. No seu contato intenso com Diez¹⁴, Erhard e Reinhold, Niethammer forma aos poucos a convicção de que uma filosofia (reinholdiana) baseada em um princípio (*Grundsatzphilosophie*) era um programa superficial. A ideia de uma filosofia sistemática que se realizasse por meio de uma progressão infinita não obrigava Niethammer a aceitar pressupostos iniciais que

⁹ Cf. NIETHAMMER. *Vorbericht*, s.p.

¹⁰ Cf. HENRICH. *Über Hölderlins philosophische Anfänge*, pp. 4-6.

¹¹ Cf. FRANK. *Unendliche Annäherung*, p. 433.

¹² Cf. StA VI 705.

¹³ Cf. *Curriculum* de Niethammer, cit. apud FRANK. *Unendliche Annäherung*, p. 430.

¹⁴ Diez escreve frequentemente a Niethammer de 1790 a 1796, cf. DIEZ. *Briefwechsel und Kantische Schriften*, pp. 11-101, pp. 325-345.

se confirmariam somente em seu acabamento (nunca completo). Essa convicção só aumenta quando Reinhold deixa Iena, em 1794, e Fichte assume a cátedra com o programa da doutrina da ciência. Em carta a Herbert, de 2 de junho de 1794, Niethammer reafirma seu ponto de vista, declara assistir calmamente aos esforços de fundamentação sistemática e, sem compartilhar de seus princípios, não nega os avanços que eles provocam no campo filosófico.¹⁵ Diplomático, ele não enfrenta diretamente Fichte, como também não o fizera com Reinhold. Em vez disso, concebe uma revista com o objetivo de fornecer um programa alternativo.¹⁶ Ele assume o *Philosophisches Journal für Moralität, Religion und Menschenwohl*, de C.C.E. Schmid, e o transforma no *Philosophisches Journal einer Gesellschaft deutscher Gelehrten*.¹⁷ O órgão se tornaria, assim como seu mentor¹⁸, um centro gravitacional de articulistas de campos distintos, uma vez que na lista anunciada de colaboradores estavam, além de Fichte e do próprio Reinhold, Erhard, Maimon, Schiller, Wilhelm von Humboldt, entre outros. Hölderlin, como mencionado, é convidado a integrar o time. Schelling ali publica suas *Cartas sobre dogmatismo e criticismo* (1795-1796) e Friedrich Schlegel passa a colaborar em 1796. Com a entrada de Fichte na coedição, especialmente com a publicação de suas *Duas Introduções à Doutrina da Ciência*, em 1797, e do ensaio interrompido contendo a primeira exposição pública das aulas sobre a segunda versão da doutrina da ciência, a *Nova methodo* (1797), o espírito inicial de uma leitura de Kant não alinhada com Fichte e Reinhold perde terreno. A passagem de Niethammer para a faculdade de teologia significa o abandono das intenções de 1794. Com a querela do ateísmo, em 1798, provocada em função de um ensaio de F. Forberg defendido por Fichte com um posfácio que lhe custou a perda da cátedra, a revista tem publicados seus derradeiros fascículos.

3. A crítica ao fundacionalismo.

Esses recuos não apagaram a importância do órgão nem diminuíram a influência de seu editor naquela primeira metade da década, especialmente para cabeças

¹⁵ Cf. *Carta de Niethammer a Herbert*, de 2.06.1794, cit. apud HENRICH. *Der Grund im Bewußtsein*, p. 832.

¹⁶ Niethammer comunica a Reinhold que pretende “expressar provisoriamente [sua] opinião contra o sistema de Fichte”; cf. *Carta de Niethammer a Reinhold*, de 3.12.1794, apud FRANK. *Unendliche Annäherung*, p. 431.

¹⁷ Cf. HENRICH. *Der Grund im Bewußtsein*, p. 807 nota 203.

¹⁸ A casa de Niethammer e sua esposa Rosine Döderlein, em Iena, tornou-se um ponto de encontro apreciado por intelectuais, entre os quais também circularam os primeiros românticos alemães; cf. Frank (1997, p. 437). Niethammer recebe Hölderlin, Fichte e Novalis, no começo de 1795, e relata em seu diário terem falado muito “sobre religião e revelação, e que para a filosofia ainda há muitas questões em aberto” (cf. StA VII 27).

perspicazes como Hölderlin. No primeiro número de 1795, o próprio Niethammer assina o prospecto preliminar e o ensaio introdutório *Sobre as exigências do entendimento comum à filosofia*; rescreve também resenhas de K. F. Stäudlin e J. C. Visbeck, no primeiro e segundo volumes, ainda em 1795, e mais dois ensaios, em 1795 e 1796.¹⁹ Para o que nos interessa aqui, o prospecto representa a posição amadurecida da crítica à *Grundsatzphilosophie* de 1791 a 1795. Em vez de interpretar a recepção da filosofia crítica na direção de seu desdobramento sistemático, Niethammer afirma que o caminho para encontrar a “unidade e solidez do saber humano”, procurada por tanto tempo “em vão”, estaria em um “desenvolvimento mais determinado e uma concatenação mais estreita das partes individuais do sistema”, de modo a lhe proporcionar “coerência e sustentação interna”, que “de fora” careceria de um “fundamento inabalável”.²⁰ Para ele, os defensores da filosofia crítica contra os ataques céticos procederiam de modo equivocado ao buscar incessantemente um fundamento para o idealismo transcendental, e seu empreendimento talvez fosse mais convincente se partissem dos resultados dessa filosofia e os aplicassem a outras ciências, aproximando seu uso da vida comum.

O zelo dos filósofos *fundacionalistas* (como proporei chamar os adeptos da *Grundsatzphilosophie*²¹) demonstraria, para Niethammer, muito mais sua *dúvida* de que pudessem chegar a um acabamento da filosofia crítica. Ele argumenta que os resultados desses esforços demonstram justamente o contrário do que pretendem:

Quanto mais se exige que a filosofia deveria ela mesma ser construída sobre um fundamento universalmente válido, tanto mais parece insatisfatório o que forneceram os conhecedores da filosofia crítica nesse sentido, quando se considera que não poucos deles deságuam no velho dogmatismo, em parte por *transcendentismo*, em parte por *hipercriticismo*, aumentando desse modo a confusão.²²

Como ele bem observa na sequência, e aqui podemos pensar diretamente em Reinhold e Fichte, os fundacionalistas são unânimes quanto à necessidade de um princípio superior de todo saber, mas divergem totalmente na determinação do mesmo. No diagnóstico de Niethammer, também os opositores do criticismo concordavam que

¹⁹ Cf. FRANK. *Unendliche Annäherung*, p. 435.

²⁰ Cf. NIETHAMMER. *Vorbericht*, s.p.

²¹ Na esteira de M. DePaul, o fundacionalismo epistêmico se define pela organização do sistema de crenças segundo a metáfora da construção civil: “fundacionalistas sobre questões epistêmicas afirmam que crenças com essa propriedade são estruturadas como blocos de uma construção”. Cf. DEPAUL. *Foundationalism*, p. 235.

²² Cf. NIETHAMMER. *Vorbericht*, s.p.

Kant provocou uma revolução no modo de ver a filosofia, a ponto de considerar-se no horizonte a possibilidade da realização da mesma como ciência. Com a crítica da razão, Kant teria indicado ao menos o caminho correto para esse objetivo, e as tentativas fracassadas não deveriam malograr os esforços para persegui-lo: “posto que um tal sistema do saber humano, presente para nós na *ideia de uma ciência das ciências*, seja um objetivo jamais alcançado, isso não diminui nosso interesse em nos aproximarmos tanto quanto possível do alcance dessa ideia”.²³ O caminho correto partiria da “crítica do sujeito” e de suas “leis originárias” para demonstrar nele a “universalidade e necessidade dos princípios e conceitos fundamentais” do saber. Ao contrário dos fundacionalistas, Niethammer não vê problema no fato de que a filosofia ainda não pôde fornecer o fundamento de sua universalidade como ciência *stricto sensu*; antes, considera que manter-se no caminho é a garantia de aproximação daquele objetivo.

Niethammer não está preocupado apenas com esse acabamento sistemático da filosofia, a cujos esforços “assiste calmamente”. O que ele espera da filosofia, e declara no prospecto, é que ela possa fornecer conceitos e princípios claros e evidentes sobre os “fins de todo o saber e agir” humanos, oferecendo igualmente aos homens a “direção determinada e imutável” para que não se mantenham “jamais presos à mera condução do sentimento”.²⁴ Embora para isso seja necessário que a filosofia se torne ciência e não um mero agregado de opiniões e princípios improváveis, não é apenas suficiente que ela seja uma ciência. Como saber mais elevado da humanidade, falta à filosofia o contato com o uso comum do entendimento, *i.e.*, com o senso comum, o que ela somente lograria caso se aproximasse por meio das esferas intermediárias do saber científico, ou seja, por meio de ciências particulares tais como filosofia da religião, filosofia do direito, pedagogia etc. Essa aproximação não seria possível por meio de uma popularização em que se procurasse trazer os fundamentos últimos da filosofia diretamente para o campo do senso comum: seria necessário mostrar, nas ciências particulares, de que modo seus princípios são *deduzidos* pela filosofia como ciência das ciências.

Nessa perspectiva, a tarefa dos filósofos consistiria em conciliar os dois objetivos, tanto o de realizar a filosofia como ciência, quanto o de aplicar seus resultados, de modo que progressivamente ela se aproxime, pela via que lhe é própria, do uso comum do entendimento – e não exclusivamente da ideia de seu acabamento

²³ Cf. NIETHAMMER. *Vorbericht*, s.p.

²⁴ Cf. NIETHAMMER. *Vorbericht*, s.p.

sistemático. Ele pondera que a revolução da crítica levou os filósofos a procurar apenas o primeiro objetivo, fazendo-os “dependentes de mera especulação” e como que paralisados enquanto “a filosofia [não] estivesse totalmente segura em seus fundamentos”, enxergando com desconfiança qualquer tentativa de um uso possível de seus resultados.²⁵ Niethammer vê esse esforço dos fundacionalistas como justificado, mas entende o desenvolvimento da filosofia, nessa direção, como uma ideia da qual nos aproximamos a passos infinitos: “cada passo deve prover uma maior determinidade ao sistema de todas as ciências, e uma maior certeza ao uso prático de seus conceitos”.²⁶

Na unificação desses dois esforços, o objetivo do *Philosophisches Journal* é em certo sentido mais amplo do que os de programas fundacionalistas. As dúvidas de Niethammer quanto ao fundacionalismo filosófico eram antigas, como confessa a Herbert no começo de 1794,²⁷ e a ida de Fichte para Iena atualizaram as suspeitas, como mostra a correspondência de Niethammer com Herbert e Erhard, os quais assistiram às últimas preleções de Fichte, em Zurique, antes de mudar para Iena. Em tom exacerbado, Herbert chega a se declarar como o “mais irreconciliável inimigo de todos os assim chamados primeiros princípios da filosofia”, acusando de tolos os que carecem de princípios além do aperfeiçoamento moral.²⁸ Ele aconselha a Niethammer ensinar a filosofia de Kant e tomar de Reinhold e de Fichte somente o que for útil, procurando não enfrentar Fichte. Erhard subscreve Herbert – e contrapõe ao “sofisma” de uma filosofia que deduz tudo de um princípio uma “filosofia verdadeira” que antes eleva tudo em perfeita harmonia até o princípio supremo e indemonstrável da “natureza moral do homem”.²⁹ Para Erhard, os jovens kantianos tomam sua filosofia de modo constitutivo, e Reinhold precisaria não de uma teoria, mas de uma “análise da faculdade de representação”.³⁰ Niethammer responde a Herbert em 2 de junho de 1794, endossando a crítica dos primeiros princípios e apresentando um retrato a um só tempo cômico e sóbrio dos propósitos de Reinhold, atacados por G. E. Schulze em seu famoso *Enesidemo*, já resenhado por Fichte:

²⁵ Cf. NIETHAMMER. *Vorbericht*, s.p.

²⁶ Cf. NIETHAMMER. *Vorbericht*, s.p.

²⁷ Cf. FRANK. *Unendliche Annäherung*, p. 439.

²⁸ Cf. *Carta de Herbert a Niethammer*, de 04.05.1794, cit. apud FRANK. *Unendliche Annäherung*, pp. 439-440.

²⁹ Cf. *Carta de Erhard a Niethammer*, de 19.05.1794, cit. apud FRANK. *Unendliche Annäherung*, pp. 441-443.

³⁰ Frank desdobra a argumentação da carta de Erhard, mostrando o sentido por ele empregado com o conceito de análise, o que foge do escopo deste trabalho. Cf. FRANK. *Unendliche Annäherung*, pp. 443-454.

Se o Sr. prefere, eu poderia também dizer que o aguaceiro [do *Enesidemo*] não inundou o universalmente válido do fundamento [de Reinhold], mas levou por diante a areia jogada entre as rochas de apoio com as quais o mestre de obras artificioso preencheu os abismos intransponíveis e construiu assim uma estrada plana para nós outros, criaturas humanas comuns, e o artista perplexo se encontra agora sobre sua rocha”.³¹

Com a acusação da artificialidade de Reinhold, Niethammer consola Herbert dizendo que, como expectadores, eles estariam seguros nos limites da filosofia kantiana como em um pedaço de *terra continens* que, ainda que flutuasse à deriva no mar e pudesse ser lançado em um abismo, não mereceria ser abandonado por um pedaço de rocha que, em última instância, repousa sobre a terra. No pior dos casos, valendo-se de uma metáfora cosmológica comum, já utilizada por Fichte no escrito programático sobre a *Doutrina da Ciência* – e citada por Hegel a partir de Jacobi³² –, a pergunta sobre o fundamento da *terra continens* prosseguiria *ad infinitum*: “a terra está sobre um elefante e o elefante sobre uma tartaruga, sem nada mais dizer sobre onde repousa a tartaruga”.³³ Ou então, segue Niethammer, teríamos de aceitar que a terra não precisa nem de elefante, nem de tartaruga, mas mantém-se por si mesma, e essa seria uma resposta totalmente satisfatória para a razão, segundo as leis da natureza. Com a delimitação das leis e princípios do entendimento, a *Crítica da Razão Pura* teria garantido a solidez do terreno ao limitar-nos ao círculo de nossas representações e mostrar o disparate de sair em busca de uma ponte para um outro pedaço de terra onde quiséssemos habitar: “onde representamos, pensamos e temos sensações, ali estamos nós e o mundo; onde não representamos, não pensamos e não temos sensações, ali não estamos e nem o mundo (ao menos para nós)”.³⁴ A especulação dos filósofos de profissão, como Niethammer denomina os fundacionalistas, acaba mitigando a questão da autodeterminação prática dos sujeitos em tomar as rédeas sobre a realização de sua vida de acordo com o ideal que representam para si. A existência humana não seria nada

³¹ Cf. *Carta de Niethammer a Herbert*, 2.06.1794, cit. apud HENRICH. *Der Grund im Bewußtsein*, p. 828.

³² Cf. HEGEL. *Glauben und Wissen*, p. 365: “Jacobi transforma essa construção genuinamente racional em um *apoio* das faculdades umas nas outras. ‘A razão *apoia-se* para vocês *sobre* o entendimento; o entendimento *sobre* a imaginação; a imaginação *sobre* a sensibilidade; a sensibilidade de novo *sobre* a imaginação como faculdade das intuições *a priori*; essa imaginação, finalmente, sobre o quê? Evidentemente sobre nada! Ela é a verdadeira tartaruga, o fundamento absoluto, o essente em toda essência”.

³³ Cf. *Carta de Niethammer a Herbert*, 2.06.1794, cit. apud HENRICH. *Der Grund im Bewußtsein*, p. 830.

³⁴ Cf. *Carta de Niethammer a Herbert*, 2.06.1794, cit. apud HENRICH. *Der Grund im Bewußtsein*, p. 830.

sem essa possibilidade, e Niethammer se associa à reivindicação anterior de Herbert de que não há nenhum princípio supremo além do aperfeiçoamento moral.

4. A fidelidade kantiana e o monstro fichteano.

Essas declarações justificam a paciência e a boa vontade com que o kantiano ponderado Niethammer avalia Reinhold (e Fichte), considerando totalmente dispensável um único fundamento de todo saber. A convicção não o leva a depreciar a busca de um tal princípio por um motivo: Niethammer crê necessário que a filosofia esteja de acordo consigo mesma para que sirva à humanidade, pois a vitória sobre os sofismas do “hipercriticismo” e do “transcendentismo” não poderia ter lugar enquanto a filosofia estivesse em conflito consigo mesma. A sofisticação das construções artificiais que vieram no bojo do fundacionalismo pós-kantiano levaria a resultados conflitantes com o senso comum, de modo tanto mais dramático quando atingem a liberdade e a moralidade, o que na avaliação de Niethammer não produz a mesma tranquilidade cética que ele experimenta diante das especulações da nova filosofia. Quando elas abalam esses aspectos cruciais, Niethammer crê necessário uma filosofia que “refute o juízo que ultrapassa seus limites, expondo seus dogmas indemonstráveis (...), assegurando para nós o que possuímos, ou seja, a vantagem de poder seguir nosso caminho e construir em paz no pedaço de terra a nós conferido enquanto o querelante sofista não nos torna dependente de sua ajuda”.³⁵ Nesse sentido, exemplificando o retrato ambivalente de Reinhold e de seus propósitos, Niethammer vê a crença dos fundacionalistas de que a Revolução Francesa só poderia ter sucesso quando se chegasse a um princípio do direito natural como algo tanto risível, pois distante do entendimento comum, quanto correto, pois reivindica a unidade da filosofia consigo mesma para os fins da humanidade.³⁶

A carta a Herbert já contém *in nuce* o programa do *Philosophisches Journal*, evidenciando que, apesar do ataque de Herbert a Fichte, a maior parte das reservas de Niethammer vinha de seu longo trato com Reinhold. Meses mais tarde, em 27 de outubro de 1794, ele escreve a Erhard, estendendo suas reservas diretamente a Fichte e de modo bastante duro. Para Niethammer, o conceito de eu fichteano é uma espécie de sucedâneo mais consequente de um índice de egoísmo anterior, compreendido num

³⁵ Cf. *Carta de Niethammer a Herbert*, 2.06.1794, cit. apud HENRICH. *Der Grund im Bewußtsein*, p. 833.

³⁶ Cf. *Carta de Niethammer a Herbert*, de 2.06.1794, cit. apud HENRICH. *Der Grund im Bewußtsein*, p. 834.

processo em que os velhos partidos do fatalismo, indeterminismo e espinosismo retornariam em sua forma transcendente com trajes críticos. O novo egoísmo (*Ichismus*) de Fichte é o novo e “espinosismo transcendente”³⁷: “Fichte procedeu com o sujeito do mesmo modo que Espinosa com o objeto; este coloca tudo no objeto, aquele tudo no sujeito; um eleva o objeto, o outro o sujeito à divindade”.³⁸ Contra o programa de Fichte, Niethammer retorna a Kant e afirma que a experiência é o fundamento da filosofia crítica, mas não seu princípio. Pressuposto da crítica, a experiência é imune a qualquer ataque, mesmo do cético. Mantendo-se Niethammer nos limites seguros da crítica, a doutrina da ciência aparece para ele como um “labirinto monstruoso de silogismos escolásticos”, e seu fio de Ariadne é a tarefa de procurar entender “o que realmente a filosofia deve proporcionar”.³⁹ Para além disso, o estabelecimento de um princípio seria como aquele monstro “absurdo e demasiado heterogêneo”, cuja incoerência “desaparece e a palavra fica, para designar o impossível”.⁴⁰

REFERÊNCIAS

- BORGES, Jorge Luis & GUERRERO, Margarita. *O livro dos seres imaginários*. São Paulo: Globo, 2000.
- DEPAUL, Michael. Foundationalism. In: BERNECKER, Sven & PRITCHARD, Duncan (orgs). *The Routledge Companion to Epistemology*. London/NYC: Routledge, 2011, pp. 235-244.
- DIEZ, Immanuel Carl. *Briefwechsel und Kantische Schriften. Wissensbegründung in der Glaubenskrise Tübingen-Jena (1790-1792)*. Ed. por D. Henrich. Stuttgart: Klett-Cotta, 1997.
- FRANK, Manfred. *Unendliche Annäherung. Die Anfänge der philosophischen Frühromantik*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1997.

³⁷ Na constelação de Iena, é importante lembrar a acusação de “espinosismo subjetivo”, formulada por A. F. Weißhuhn, amigo convidado por Fichte para Iena, que defendia a perspectiva do senso comum contra a doutrina da ciência. Em cartas a Erhard e a Goethe, em fins de outubro de 1794, Schiller relata essa acusação. Weißhuhn tinha resenhado *Sobre o conceito de doutrina da ciência* para o *Philosophisches Journal für Moralität, Religion und Menschenwohl*, de C.C.E. Schmid, e expôs sua perspectiva em um texto postumamente publicado por Niethammer, no *Philosophisches Journal*, em 1795: *Proposições e contraposições sobre a fundamentação de um novo sistema da filosofia*. Weißhuhn morre na casa de Fichte, em abril de 1795; cf. WAIBEL. *Hölderlin und Fichte*, p. 27, nota 16; cf. HENRICH. *Der Grund im Bewußtsein*, p. 796 nota 152.

³⁸ Cf. *Carta de Niethammer a Erhard*, 22.10.1794, cit. apud HENRICH. *Der Grund im Bewußtsein*, p. 835.

³⁹ Cf. *Carta de Niethammer a Erhard*, 22.10.1794, cit. apud HENRICH. *Der Grund im Bewußtsein*, p. 835.

⁴⁰ Cf. BORGES & GUERRERO. *O livro dos seres imaginários*, pp. 117-118.

- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Gauben und Wissen oder Reflexionsphilosophie der Subjektivität in der Vollständigkeit ihrer Formen als Kantische, Jacobische und Fichtesche Philosophie (1802). In: HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Werke 2. Jenaer Schriften 1801-1807*. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1986, pp. 297-433.
- HENRICH, Dieter. *Der Grund im Bewußtsein. Untersuchungen zu Hölderlins Denken (1794-1795)*. 2d., Stuttgart: Klett-Cotta, 2004.
- HENRICH, Dieter. Über Hölderlins philosophische Anfänge im Anschluß an die Publikation eines Blattes von Hölderlin in Niethammers Stammbuch. *Hölderlin Jahrbuch XXIV*, 1984/85.
- HÖLDERLIN, Friedrich. *Sämtliche Werke* (Große Stuttgarter Ausgabe, StA), ed. por Friedrich Beissner, Adolf Beck e Ute Oelmann. Stuttgart: W. Kohlhammer Verlag, 1943-85. Cit. StA Vol., pg.
- KANT, Immanuel. Declaração acerca da Doutrina da Ciência de Fichte. In: BECKENKAMP, Joãozinho. *Entre Kant e Hegel*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004. pp. 245-247.
- NIETHAMMER, Friedrich Immanuel (ed.). Von den Ansprüchen des gemeinen Verstandes an die Philosophie. In: *Philosophisches Journal einer Gesellschaft Teutscher Gelehrten I*. Hildesheim: G. Olms, 1969.
- NIETHAMMER, Friedrich Immanuel (ed.). Vorbericht. In: *Philosophisches Journal einer Gesellschaft Teutscher Gelehrten I*. Hildesheim: G. Olms, 1969.
- WAIBEL, Violetta. *Hölderlin und Fichte. 1794-1800*. Paderborn: Schöningh, 2000.